

APONTAMENTOS PARA UMA DIMENSÃO POLÍTICA NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE H.-G. GADAMER

José Wilson Rodrigues de Brito

Mestre em Filosofia pela UFPI

Professor Substituto do Curso de Filosofia da UFPI

nosliwbrito@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal tecer uma reflexão a respeito de elementos fundantes que direcionam para uma abordagem de cunho político na hermenêutica filosófica de Gadamer. Trata-se da tentativa de ver uma dimensão política na filosofia gadameriana e sua conexão com uma perspectiva democrática da vida em comum. Pretendemos mostrar que Gadamer não tem uma teoria democrática abrangente ou mesmo uma teoria da justiça, mas aborda um aspecto da política fortemente entendida como participação, a saber, a solidariedade compartilhada. Além das obras *Verdade e Método* e *Herança e futuro da Europa*, outras serão revisitadas, bem como seus últimos escritos, que enfatizam elevada importância à resolução da questão central deste estudo.

Palavras-chave: Gadamer. Hermenêutica. Política. Solidariedade.

Abstract

The present article has as main objective to make a reflection about the founding elements that direct to a political approach in the philosophical hermeneutics of Gadamer. It is an attempt to see a political dimension in the Gadamerian philosophy and its connection with a democratic perspective on life in common. We intend to show that Gadamer does not have a comprehensive democratic theory or even a theory of justice, but addresses an aspect of politics strongly understood as participation, namely shared solidarity. In addition to the works *Truth and Method* and *Das Erbe Europas*, others will be revisited, as well as his latest writings, which emphasize high importance in solving the central issue of this study.

Keywords: Gadamer. Hermeneutics. Politics. Solidarity.

Considerações Iniciais

Na dimensão política da hermenêutica gadameriana é possível perceber um conceito chave que aparece em diversos escritos posteriores à *Verdade e Método*, no que tange a uma elaboração de uma dimensão política com aspectos democráticos, a saber, o conceito de *solidariedade*. Este conceito se mostra complexo por estar atrelado

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 1	p. 196-226	jan./jun. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

especificamente às questões políticas e sociais, de modo que sua presença e necessidade são frequentemente citadas nos mais recentes escritos e entrevistas de Gadamer. Neste sentido, a solidariedade é vista como um forte contributo à compreensão dos aspectos subjacentes à visão democrática defendida por Gadamer, uma vez que a mesma está conectada à noção de amizade com suas devidas características. Estas acabam influenciando na melhor compreensão das comunidades políticas.

É possível perceber em Gadamer a elevada importância dada por ele a aspectos ligados a problemáticas tão atuais, desde problemas relacionados ao próprio ser humano em suas relações consigo, com o outro e com o mundo. Nele podem ser elencadas “ideias e escritos que lançam luz sobre a própria política” (WALHOF, 2006, p. 571) e as realidades sociais no que se refere ao sentido do diálogo político, de maneira que o mesmo “tem uma capacidade transformadora: as práticas sociais se movimentam em uma esfera e uma lógica de questionamento” (PARRA AYALA, 2014, p. 84), fazendo com que nossas atenções se voltem para uma melhor análise dos bens e fins que nos rodeiam, bem como de sua crítica a tais atitudes numa reivindicação de uma compreensão mais ampla de democracia pautada especialmente na solidariedade. Tendo em vista que em uma sociedade tomada como democrática não deve existir uma classe que possa ser vista como detentora da verdade real e absoluta, de modo que seus membros exerçam o poder ou forneçam as regras de comportamentos vistas como adequadas.

Na visão gadameriana as situações particulares têm necessidades de resoluções para além de um mero olhar observador a partir do que é tomado como conhecimento objetivo, uma vez que deve ser posta em prática a compreensão engajada de quem, no caso, deve agir. E neste sentido, para ações éticas e políticas, há, então, o envolvimento da aplicação do que já se tem como sabedoria tradicional, compartilha-

da pela educação, mas que ao mesmo tempo deve levar em consideração as novas e diferentes situações nas quais a aplicação pode mudar, isto dependendo das futuras situações.

Da mesma forma são as dimensões ético-políticas das comunidades, pois as mesmas

[...] devem aplicar as normas e valores que possuem por causa de suas histórias e tradições para as novas circunstâncias históricas em que elas se encontrem, de modo que esta aplicação modifica e revisa o entendimento ético-político que elas tenham em situações diferentes no futuro. (WARNKE, 2002, p. 86).

Isso porque, como sugere Gadamer, as perguntas que devem ser feitas pelos indivíduos ou comunidades não são perguntas que podem ser respondidas simplesmente fazendo menção ao que já é estabelecido como algo fixo, pois exigem que seja levado em conta tanto o que somos quanto o que ainda se pretende ser, pois tais decisões tomadas afetam e modificam as considerações que podemos fazer no futuro.

Nesta perspectiva, para melhor compreensão da temática aqui tratada, nos debruçaremos sobre duas tópicas principais, a primeira, a respeito do situar cultural e historicamente os valores da comunidade política, de modo a notarmos que nas sociedades tomadas como pós-modernas há uma visão de verdadeiro subjetivismo, que, por consequência, acaba trazendo limitação a uma perspectiva de vida comum, bem como à noção da prática de responsabilidade no contexto social, de modo que se percebe certo relativismo da relevância que se deve dar à solidariedade em suas relações pessoais enquanto pertencentes a uma coletividade. Neste sentido, não têm em sua vivência o conhecimento da importante tarefa que é a dimensão da amizade e solidariedade na convivência intersubjetiva.

Em um segundo momento deste trabalho, abordaremos a hermenêutica como proposta de uma visão cosmopolítica dialógica, na qual Gadamer tem suscitado a esfera do bem comum, no qual, conseqüentemente, cada sujeito se faz realizado em seu bem-estar. Isso porque a *práxis* perpassa a mera utilidade da *theoria*, sendo capaz de consolidar a solidariedade compartilhada que tem como objetivo específico tanto a procura quanto a realização do bem na dimensão comum. Compreendendo, assim, que a teoria deve partir da própria prática, conforme a herança da *práxis* aristotélica sobre a qual Gadamer muito se fundamenta.

1 O situar cultural e historicamente os valores da comunidade política

Ao longo desta tópica adentraremos em uma discussão que diz respeito à questão dos valores da comunidade na *práxis* hermenêutica de Gadamer, ou melhor, da vivência dos valores relacionados à vida em comunidade, como propõe nosso hermenêuta. Diante disso, é possível afirmar que há um ponto de elevada importância que deve ser considerado nesta pesquisa, que é o tópico relacionado ao engajamento prático trabalhado por Gadamer, isto no sentido de uma solidariedade voltada à vivência do comum na sociedade. Entretanto, cabe destacar que há um contexto contemporâneo que deve ser levado em consideração a esta reflexão quanto ao saber especializado. Este, representado pelo uso da ciência e da técnica, de modo que Gadamer enfatiza que “é a ciência que determina profundamente a forma de existência do homem de hoje” (GADAMER, 2001, p. 112). Assim, fica evidente que há este aspecto a ser levado em conta, uma vez que na contemporaneidade o ser humano se encontra constantemente submetido a uma lógica de domínio na qual simplesmente acabou se

tornando alienado, a ponto de não mais conseguir perceber a existência de valores que podem ser tomados como de todos. Como afirma Gadamer:

O automatismo civilizacional da totalidade de nossa vida já não nos proporciona tão facilmente o sentimento de que temos um juízo e de que devemos confiar no juízo. O alto valor da ascese intramundana, que converte em obrigação para o indivíduo o poder-fazer especializado, conduz muito facilmente, no mundo actual do trabalho, à renúncia ao juízo próprio sobre o que a todos é comum. (GADAMER, 2001, p. 116).

Na citação acima enfatizada pode ser observado que a vivência humano no ‘automatismo’ que o ritmo de trabalho moderno obriga ao ser humano a se submeter acarreta, conseqüentemente, uma contraposição ao exercício do poder-fazer que é próprio do ser humano enquanto dotado de livre vontade de possibilidades, que é próprio da expressão do indivíduo em sua vivência humana. O poder fazer especializado, ou seja, usado pela ciência em sua aplicação técnica, atualmente tem feito do homem individual mero instrumento dentro de uma ordem racional totalizante, ocasionando-lhe simplesmente ser tomado como um ser com cada vez menos liberdade criativa. Assim, Gadamer aponta que o homem tem se tornado apenas um ser que cumpre uma determinada função dentro de uma totalidade, pois “a sociedade de especialistas, é, ao mesmo tempo, uma sociedade de funcionários, pois corresponde ao conceito mesmo de funcionário, o concentrar-se na administração de sua função” (GADAMER, 1983, p. 45), não lhe sendo mais necessário, na visão instrumental de mercado de trabalho, pensar sobre, pois “apossou-se da humanidade uma nova e universal atitude servil” (GADAMER, 2001, p. 112).

Neste sentido, esta lógica mostra que, ao se deixar ser dominado pela ciência e técnica, de modo tão alienante e como mero instrumento, o homem perde a sua ver-

dadeira identidade de um ser de práxis, de vida que tem como primazia o viver com, na prática dos valores comuns. Diante deste contexto é que Gadamer ressalta a necessidade de que a hermenêutica também faça parte destas reflexões que envolvem o homem em sua dimensão prática com seus problemas mais diversos na atualidade. Em suas palavras, afirma o hermeneuta:

A preocupação sociocientífica e sociopolítica de nossa época me envolveu em algumas discussões. A fecundidade destas discussões consiste para mim no que me surgiram problemas que não me pertencem a meu próprio campo de competência científica. Sempre tenho considerado fundamental que a teoria hermenêutica só deve surgir a partir da prática hermenêutica. (GADAMER, 1990, p. 156).

A prática hermenêutica de Gadamer se pauta, neste sentido em uma tentativa de explicitar as formas com as quais se constitui a vida do ser humano em seus aspectos sociais e políticos frente o contexto técnico-científico atual. Com base nas palavras de Batista (2007, p. 75):

Tal perspectiva de reflexão política está vinculada à articulação, realizada por Gadamer, entre práxis e razão social. Neste sentido, a relação entre razão e práxis encontra-se fundada na noção de solidariedade, ideal normativo defendido por Gadamer. Assim, em termos gadamerianos, solidariedade significa uma articulação entre a razão situada 'aqui e agora' com os interesses universais comunitários, que, de modo geral, são visualizados no universal da lei e da justiça. Esta ligação essencial entre razão social e a esfera da práxis é expressão de um engajamento do pensamento num ideal ético-político genuíno, que encontra sua base no engajamento-participação comunitária no mundo, enraizado na facticidade da vida prática. Neste sentido, a recuperação da razão social depende de um posicionamento que, para Gadamer, é possível pelo despertar de uma consciência social.

Conforme citado acima, nota-se que no tratar da dimensão política na visão gadameriana há uma intrínseca relação entre os aspectos voltados à convivência hu-

mana em seu sentido da vida em comum, de maneira que culmina com a defesa de uma pretensa consciência social embasada naquilo que se deve observar como fator que une a todos, a saber a dimensão da solidariedade como este valor que agrega engajamento e participação por parte de cada componente da vida comunitária. Esta não deve ser entendida apenas e somente como voltada a pequenos grupos, mas de modo mais amplo, tendo em vista a necessidade de proporcionar autenticamente uma universalidade desta vivência do que nos seja comum. Daí, então, despertar uma consciência que não se limite à individualidade, mas que se estenda a todos no espaço comunitário, que pode ser entendido como vivência da reciprocidade do reconhecimento entre seus partícipes, de maneira que se percebem mutuamente em suas semelhanças e em suas diferenças, remetendo “à hermenêutica como *koiné* que permite o diálogo entre diferentes tradições e culturas tão necessário em nossas sociedades complexas e plurais” (LEÓN, 2008, p. 8).

Ainda no que se refere a esta vivência da reciprocidade da vida em comum entre os cidadãos é preciso pontuar que nas sociedades atuais, há uma ausência do sentido de vida tomada como convivência humana enquanto práxis que Gadamer traz à discussão, de modo que acabam desconsiderando relevantes aspectos comuns que podem ligar-nos uns aos outros. Nas palavras de Walhof (2017, p. 114):

Esta recíproca copercepção é particularmente importante a partir da nossa situação histórica e cultural que significa que nunca tivemos uma visão abrangente das coisas comuns a nós. Em vez disso, as solidariedades que emergem serão sempre em particular, como manifestações momentâneas e específicas de coisas que compartilhamos. Tal como com a amizade, onde é impossível dar conta de tudo o que liga-se um ao outro, é impossível conhecer a totalidade daquilo que nos une como estranhos que também são coabitantes de um mundo compartilhado.

Partindo desta reflexão a respeito de como estão situadas nossas sociedades democráticas com suas mais diversas complexidades e pluralismos, Gadamer percebe a necessidade de que urgentemente se leve à consciência dos cidadãos que, da mesma forma que nas amizades não é possível se dar a conhecer e nem conhecer por inteiro, assim também ocorre na vida em comum, sendo necessária a consideração das diferenças do outro frente ao eu. Como reforça Batista, nas atuais instituições tomadas como democráticas se percebe que devem prevalecer

[... os] princípios de solidariedade e liberdade que, na visão de Gadamer, permitiriam a manutenção da esfera de pensamento atual da sociedade, pois nestes mesmos princípios estaria resguardada nossa comunitariedade. (BATISTA, 2007, p. 77).

E isto se dá precisamente no contexto da própria comunidade, onde esta funciona “como parte do autoconhecimento do sujeito que através dela toma consciência de si” (LEÓN, 2008, p. 7), bem como dos valores atrelados à própria vida em comum na dimensão ético-política. Neste sentido, pode ser destacado que, na modernidade há uma resistência no tratar sobre a questão do que seja visto como algo comum, assim como bem mencionou o próprio Gadamer em resposta ao texto *A hermenêutica Política distinta e inicial de Gadamer*, de Robert Sullivan:

[...] minha tarefa real tornou-se elevar o grau filosófico das humanidades, não porque a filosofia é uma ciência e uma teoria, mas porque compreende toda a experiência de uma vida. Eventos políticos e, da mesma maneira, arte e poesia, e em geral a criação da cultura pela humanidade, sempre nos leva a fazer novas experiências. Eu compartilho com o ponto de vista do autor (Sullivan) de que, pelo menos na esfera intelectual os países tentam colocar fim ao *sensus communis* que tem se espalhado ao longo dos séculos. (HAHN, 1997, p. 257-258).

Consequentemente, os valores aqui mencionados referem-se aos que são defendidos pelas sociedades democráticas, tais como a busca de acordos que não sejam através do uso da força física, a tolerância, o diálogo e a prudência. Assim, ainda complementando, nas palavras de Batista (2007, p. 77):

[...] os valores eleitos por Gadamer – que se fundamentam na solidariedade e liberdade – são aqueles que dizem respeito à dignidade daqueles que se encontram no contínuo processar dialógico e comunitário com o outro, que, conforme já foi ressaltado, é a tradição. Esse diálogo entre tradição e razão, em termos gadamerianos, depende da solidariedade, na qual se explicita o reconhecimento do outro como parte da constituição do bem comum.

Cabe recordar que, nesta perspectiva da vivência do sentido comunitário, este processar dialógico se refere à consciência comum que se dá especialmente na dimensão da vida social, bem como aos assuntos relacionadas à vida prática e às formas de agir do ser humano em seus comportamentos com os demais, tendo em vista que “o exercício do cuidado de si mesmo pressupõe e implica uma preparação para o exercício do cuidado e governo de outros. A missão socrática consistia, como vimos, em persuadir atenienses a serem melhores, mais sensatos pelo cultivo da sabedoria” (ROHDEN & KUSSLER, 2017, p. 104). Com isto, pode-se dizer que a ética hermenêutica de Gadamer é pautada a partir da noção de Outro, uma vez que existe esta relação Eu-Tu que culmina, em seu terceiro estágio, no eu que é voltado ao engajamento. Assim, ideia e linguagem, no sentido de uma ética dialética pressuposta por Gadamer e Platão, é concernente ao desenvolvimento de um processo dialético enquanto concepção do conhecer e do compreender, isto de maneira que ideia e linguagem, ou seja, ser e linguagem podem especialmente ser pensados e compreendidos levando em consideração a função de finitude. Deste modo, imbricam entre si a ideia de bem

e a sua efetivação, notando que há uma proposta que é voltada ao filosofar enquanto de maneira de viver teórica e praticamente.

Neste sentido, interessante notar que na visão de Gadamer e diante do contexto contemporâneo é preciso, como afirma em seu texto *Amizade e autoconhecimento: reflexões sobre o papel da amizade na ética grega*, “construir uma nova forma de entender a comunidade humana (e cívica)” (GADAMER, 1991, p. 396). Isso porque, como já visto anteriormente no tópico sobre amizade, temos uma condição de finitude, que nos direciona para a construção de laços de amizade com os outros, com a alteridade, de modo que na comunidade pensada por Gadamer os valores voltados ao *ethos*, à *phrónesis* e à *philia*, herdados a partir da reabilitação aristotélica de sua práxis, têm a possibilidade de fazer com que se tenha uma alternativa de saída às drásticas consequências percebidas após a Primeira Guerra Mundial.

Gadamer tem uma preocupação com esta nova forma de entender a comunidade partindo do contexto em que, no século XX, havia todo um esforço por compreender a ciência como esta resposta a todas as resoluções dos problemas que assolam a humanidade, tendo como ápice esta exacerbada confiança no avanço técnico e científico. Entretanto, com o acontecimento da Primeira Guerra Mundial caiu por terra todo aquele otimismo dado ao ‘progresso’ técnico-científico, uma vez que com as atitudes de utilização da técnica e da ciência de modo a desconsiderar o seu papel ético para com a humanidade houve como que um regresso do uso do conhecimento por parte do ser humano, causando, então, destruição à própria espécie. Como afirma Hammes:

Uma comunidade humana compreendida a partir do conceito grego de *philia* é decisiva para a saúde política. A amizade não ajuda somente a realizar os fins pessoais, mas aumenta a habilidade para deliberar e decidir sobre o

que devemos fazer no mundo compartilhado com os outros. [...] Para a hermenêutica filosófica de Gadamer, uma das principais tarefas da vida política é a aplicação dos estândares éticos, normas e leis herdadas às necessidades sociais presentes. Os seres humanos estão expostos na esfera política à mesma finitude que encontram em suas vidas pessoais: não há nenhuma pista nem guia, nem tampouco nenhuma instituição de justiça processual, que garantem a aplicação dos estândares éticos. Pelo contrário, na esfera política devemos nos apoiar na *phrónesis* de todos e podemos apoiar-nos também na *philia*, em nossas amizades, para aumentar nossas capacidades. (HAMMES, 2012, p. 93).

Neste sentido, é possível notar que Gadamer dá elevada importância à discussão sobre a dimensão da amizade na formação dos indivíduos, uma vez que isto proporciona, em seu aspecto político das relações intersubjetivas, o verdadeiro sentido da solidariedade nas sociedades democráticas, tendo em vista que a concepção de amizade não se restringe apenas e somente ao âmbito da proximidade entre amigos – uma vez que esta amizade aqui referida pressupõe a necessidade de que sempre precisamos de amigos, já que somos seres finitos, mas se estende à busca de uma consolidação da prática de um bem comum.

Com isto, a amizade se torna fundamental para que haja a “formação de comunidades nas quais alguém começa a sentir-se e a reconhecer-se a si mesmo” (GADAMER, 1991, p. 404) e, conseqüentemente, aconteça este envolvimento pelo engajamento na própria convivência humana por parte de cada pessoa, isto é, na vida humana comum. Cabe ressaltar que, ao falar sobre formação, Gadamer refere-se à mesma não enquanto “possibilidade de formar capacidades; trata-se de se ser tal modo que se consiga servir, com sentido, das suas capacidades. Não se confunda a formação com a aprendizagem de habilidades” (GADAMER, 2001, p. 114). Aqui se denota, em Gadamer, a profunda preocupação quanto ao fosso existente na atualidade entre o que se tem como discurso e a ausência real de sua efetiva prática.

Assim, como menciona Gadamer, diante dos mais diversos conflitos internos presentes na alma do ser humano, esta tem a capacidade de se “tornar senhora da dilaceração interior, e é capaz de se unir em torno de um propósito único. A constituição íntima do homem e a sua capacidade de comunidade são, no fundo, a mesma coisa. Só quem é amigo de si próprio se pode ajustar ao que é comum” (GADAMER, 2001, p. 107). Isso pode ser bem ilustrado no exemplo que Gadamer coloca quanto às sociedades caçadoras pré-históricas, onde podem ser notadas as surpreendentes conquistas do âmbito comunitário nas mesmas por parte do ser humano, dentre as quais, nas palavras de Gadamer,

A maior conquista é a estabilização das normas de ação no sentido do direito e do delito. Ela surge sobre o eixo de uma instabilidade fundamental do ser humano, única no âmbito da natureza. Sua expressão mais terrível é o fenômeno da guerra, que interessa especialmente à nossa atual etnologia e pré-história. É, segundo consta, a invenção mais própria deste ser transtornado, a que chamamos homem e parece revelar uma contradição da natureza consigo mesma, ao ter produzido um ser que pode voltar-se contra si mesmo, em grau tal que, planifica e organizadamente, ataca, elimina ou destrói seus próprios congêneres (...). A sociedade humana se organiza a si mesma levando em conta uma ordem vital comum, de maneira tal, que cada indivíduo a reconhece como comum (e considera como delito sua violação). (GADAMER, 1983, p. 47).

Deste modo, a perspectiva de análise da vida humana nota este potencial humano que pode ser usado até mesmo para fazer o mal para com os mesmos de sua espécie. Entretanto, observando o aspecto da vivência em comum, esta passa pela dimensão da consciência de que cada participante desta comunidade deve ter frente aquilo que seja comum. Isso especificamente no sentido de que para ser dada continuidade àquela forma de vida comum se faz necessário tratar tal modo de convivên-

cia como uma norma interna, a ponto de que todos se comprometem com a preservação deste bem vital comum.

Daí podemos destacar que na hermenêutica gadameriana a vida comunitária é tomada como este espaço de convivência humana com suas diversidades, bem como afinidades a partir da própria consciência de pertença a uma coletividade que tenha em comum o reconhecimento recíproco de sua alteridade. Deste modo, nas palavras de Walhof (2017, p. 116):

[...] a vida conjunta e a copercepção recíproca fazem parte da amizade e solidariedade. De fato, como na conversação, a amizade e solidariedade na visão de Gadamer dependem, pelo menos, de uma disposição mínima para com o outro, abrir-se e expor-se, até certo ponto, aos outros que estão diante de você.

Com isto, um partícipe da comunidade a que nos convida à razão social não deve ser visto como o dono da verdade sobre o outro, mas aberto à construção de práticas solidárias que conduzam a um mundo pautado nas solidariedades compartilhadas, onde se “permitam o entendimento recíproco” (GADAMER, 2002, p. 73). Deste modo, como afirma Lourdes Otero León (2008, p. 9):

[...] frente à insistência na noção de comunidade, como entidade com hegemônicos valores e tradições (nas interpretações conservadoras gadamerianas), se insiste aqui na pluralidade das sociedades atuais [...]. Se trataria de entender o encontro entre culturas, não como um processo de enculturação e de renúncia aos próprios valores e tradições dos imigrantes, senão como diálogo fértil e enriquecedor.

Com isto é necessário observar que, para Gadamer, a vivência tendo como ponto de partida a vida comum entre os indivíduos dá base a que esta reciprocidade

esteja sempre a considerar o outro em sua devida importância. Neste sentido, como argumenta Walhof:

Ao mesmo tempo, uma consciência de solidariedade não produz marcadores de identidade sem importância, nem oblitera a alteridade de maneira mais ampla. Em vez de obliterar a alteridade do outro, interações sociais e políticas produzem uma consciência de solidariedade que dependam da presença de outros e que nos confrontam com os limites de nosso conhecimento, tornando assim possível para nós vermos novas maneiras para estarmos unidos. (WALHOF, 2017, p. 118).

Assim, na perspectiva do convite gadameriano da prática do engajamento solidário na vivência do âmbito da práxis e razão social, numa época em que se encontra demasiadamente alheia à consciência da solidariedade compartilhada, torna-se válida a reflexão a respeito da importância da vida comunitária na atualidade.

Com isto, Gadamer pode ser tomado como um pensador contemporâneo que desenvolve sua hermenêutica filosófica tendo como base o princípio da esperança em um mundo que se volte à conservação do diálogo para resolver os mais diversos problemas no mundo, bem como a vivência ético-política da solidariedade. Esta é tomada, como já mencionado, como elemento norteador da vida em comum nas sociedades democráticas, tendo em vista que “toda omissão da solidariedade política, [...] elemento comum que determinará o nosso destino” (GADAMER, 2001, p. 104), tem a consequência de se tornar uma dívida a ser paga por todos. Isso porque, numa visão ética e política, todos nós somos responsáveis pela vivência das solidariedades vigentes em nossas sociedades atuais.

Neste sentido, pode-se concluir que a solidariedade, proposta por Gadamer em sua dimensão política, se mostra como uma alternativa a corrigir para os problemas relacionados ao anonimato das sociedades modernas no que concerne ao isola-

mento e frieza nas relações entre os indivíduos, tendo em vista a noção de uma visão da *práxis* voltada às mais diversas esferas da vida humana, destacando-se, aqui a política.

Gadamer faz severas críticas ao subjetivismo e à autossuficiência da modernidade, pois estes têm como consequência a ruptura com a visão de construção do bem comum, dificultando com a possibilidade de que todos se tornem conscientes das práticas de solidariedade em suas comunidades. Assim, nosso hermeneuta propõe que seja dada maior importância ao cultivo das solidariedades vigentes na vida comum, indo em sentido contrário à ausência de intersubjetividade como este ponto de encontro do si mesmo com o outro. Ressaltando que a solidariedade pode também ser compreendida como autoconsciência enquanto poder-fazer contra toda e qualquer forma de auto-acomodação exterior. Neste sentido, a liberdade pode ser também relacionada à solidariedade, assim como a amizade, diferentemente da auto-alienação referente ao saber especializado.

Gadamer propõe uma solidariedade que em sua prática ultrapasse os meros interesses pessoais em detrimento do bem comum, ou seja, da coletividade. Nesta há também uma preocupação com a preservação ou conservação da natureza no seu sentido ecológico diante dos riscos de o ser humano acarretar, com seu uso desenfreado dos recursos naturais, a própria destruição da sobrevivência humana no planeta. Assim, há uma tentativa de alcance de uma vivência humana da solidariedade no compartilhamento de interesses mútuos entre os pertencentes a uma dada vida comunitária, de modo a desenvolver sua consciência de cidadão. O caráter político da hermenêutica de Gadamer se apresenta situado no que refere ao levar em consideração o outro frente ao diálogo, bem como ter a criação de espaços que sejam comuns,

em contraposição à supervalorização dos interesses subjetivos tão em alta nas atuais sociedades.

Com isto, pode-se afirmar que o ser humano está sempre voltado à vida de relações com o seu outro na vida comunitária, sendo enquanto isto, uma alternativa contrária à auto-alienação do indivíduo inserido em um mundo com diversas visões sobre sua realidade, bem como vivência política de relações no seu sentido dialógico.

Desta forma, a solidariedade, enquanto embasada pelas relações de amizade, em que tem em si tanto afinidades quanto distanciamento de características que a produzem, acaba implicitamente trazendo em si a noção de responsabilidade quanto ao que seja comum para com o outro, denotando a necessidade atual de uma maior atenção à consciência de que pertencemos a um sentido comunitário de convivência humana. Neste sentido, a solidariedade compartilhada se mostra como este elemento comum que nos fundamenta como seres de relações de dependência em suas mais diversas formas, tais como no trabalho, na vida política, nos grupos sociais, na família, na vida econômica, enfim, em todas as esferas da vida em sua coletividade humana, como observaremos na próxima tópica.

2 Hermenêutica como proposta de uma visão cosmopolítica dialógica

A hermenêutica de Gadamer, como já mencionado, é portadora de uma dimensão que tem em vista a convivência humana como uma prática da vida em comum, situando, assim, a dimensão política na perspectiva de uma pluralidade das relações intersubjetivas. Com isto, pode-se entender que a partir da pluralidade ou diversidade das línguas, tão enfatizada em sua filosofia, Gadamer observa que as línguas se tornam aspectos de elevada importância para que se possa tentar construir um mundo que seja dotado de melhores benefícios a todos os humanos. Desta ma-

neira, a língua, como afirma nosso hermenêuta, “é principalmente o que fala a comunidade linguística natural e só as comunidades linguísticas naturais estão em situação de construir juntas o que as une e o que reconhecem nas demais” (GADAMER, 1990, p. 38).

Com isto, fica claro que é a partir desta convivência com os seus, ou seja, com aqueles que, como citado acima, compartilham do mesmo idioma, que se pode notar a possibilidade de que é possível, através um determinado elemento comum, ir de encontro ao outro, bem como se reconhecer nos demais. Estes tomados como diferentes, ou seja, estes Outros de nós mesmos nos conduzem, na abertura ao conhecimento do outro, ao nosso próprio reconhecimento, partindo, então, desta abertura dialógica enquanto confronto com o que seja tomado como estranho e que se tenha este recíproco intercâmbio, onde haja esta possibilidade aberta de que o outro tenha razão. Assim, pode-se afirmar que vivemos a cada momento na possibilidade de compreender-nos uns aos outros na medida em que nos abrimos ao que nos chega e se transmite, de modo que “o diálogo com os outros, suas objeções ou sua aprovação, sua compreensão ou seus mal-entendidos representam uma espécie de expansão de nossa individualidade e um experimento da possível comunidade a que nos convida a razão” (GADAMER, 2002, p. 246).

Deste modo, Gadamer “tem o autoconhecimento como crucial para entender as maneiras pelas quais somos ligados uns aos outros” (WALHOF, 2017, p. 116). E cabe ressaltar que é neste sentido da pluralidade defendida por Gadamer que se percebe a direção da *práxis* hermenêutica, que lida com a questão do encontro com este Outro na abertura dialógica e, conseqüentemente, adquire este caráter político em sua construção hermenêutica. Assim, Gadamer menciona que a partir desta prática “cada um é responsável e pertence à sua sociedade, à sua nação e, em geral, à huma-

nidade” (GADAMER, 1990, p. 34). Destaca-se, então, que a proposta hermenêutica gadameriana dá uma elevada importância à discussão sobre este encontro com o outro a partir da existência de um “ideal de convivência denominado ‘*oikoumene*’. Com efeito, este ideal da *oikoumene* pressupõe o liberalismo, já que esta forma de governo promove a participação comum entre os diferentes” (OBREGÓN CABRERA, 2011, p. 215).

Tendo como base o que acima foi afirmado, isto acaba norteando a ideia de que em seus escritos mais recentes Gadamer tem uma postura que trabalha a dimensão política de sua hermenêutica visando a tentativa de se buscar o equilíbrio do poder governamental que dê maior ênfase a um princípio que tenha em vista o que seja mais universal possível. Assim, este princípio seria precisamente o do equilíbrio do poder e, como ele mesmo argumenta no texto *As bases antropológicas da liberdade do ser humano*:

A democracia parlamentarista é só uma de tais aproximações, já que nela a oposição sempre pode subir ao governo através de uma decisão da maioria. Ela em si é sempre uma aproximação à sua própria ideia. Uma sociedade liberal consiste em última instância na participação de todos no exercício do poder, possível graças ao ‘estado’ e a convivência organizada dos seres humanos. [...] Não a uma representação abstrata do Estado, senão a uma participação concreta no todo, no que seja comum a todos, na administração, legislação, promulgação de leis, em suma, na vida social em geral. (GADAMER, 1990, p. 121).

Aqui, ao falar em uma sociedade liberal, Gadamer se refere especialmente à questão da democracia, enquanto sistema político que deve levar em consideração esse equilíbrio de poder, tendo em vista que teoricamente a democracia proporciona a todas as pessoas pertencentes àquela comunidade social a possibilidade de partici-

pação em todos os assuntos que lhes sejam relacionados, enquanto cidadãos participantes da vida política na qual estejam inseridos.

Deste modo, a partir da postura hermenêutica de Gadamer no que concerne à vivência da participação, pelo ser humano, nos mais diversos assuntos públicos que lhe competem enquanto cidadão, bem como à defesa de um sistema político voltado à prática democrática, ou seja, a efetiva participação dos cidadãos a partir desta abertura política nas decisões sociais, a hermenêutica filosófica proposta por Gadamer carrega consigo uma dimensão política enquanto práxis voltada à solidariedade. A proposta de Gadamer objetiva, em sua práxis, a participação mútua no que se refere aos assuntos tomados como de real implicância a todos, ou seja, assuntos comuns, como podemos notar nesta fala de Gadamer:

Talvez não seja, pois, demasiado atrevido dizer, como última consequência política de nossas reflexões, que talvez sobrevivamos como humanidade se conseguirmos aprender que não só devemos aproveitar nossos recursos e possibilidades de ação, senão também aprender a nos determos frente ao Outro e sua diferença, assim como frente à natureza e às culturas orgânicas de povos e estados, e a conhecer ao Outro e os Outros como outros de nós mesmos, a fim de conquistarmos uma participação recíproca. (GADAMER, 1990, p. 30).

Nesse sentido, é preciso que haja um real aproveitamento por parte de cada indivíduo daquilo que lhe compete enquanto ser de tomada de decisões frente às mais diferentes situações que envolva a ação, tais como decisões ligadas aos recursos naturais, o uso da própria liberdade no optar pelo bem comum, assim como sempre levar em consideração a alteridade do Outro. Como, por exemplo, o reconhecimento de si no outro, neste sentimento de empatia, o colocar-se no lugar do outro nesta participação intersubjetiva mútua, gerando assim, através da “diversidade, este reencon-

tro conosco mesmos, o reencontro com o Outro na língua, na arte, na religião, no direito e na história, o que nos permite formar verdadeiras comunidades” (GADAMER, 1990, p. 39).

Ao abordar esta dimensão democrática de sistema governamental, Gadamer alega que somente esta dimensão pode ser creditada como portadora de elementos defendidos em sua práxis filosófica, tais como esta abertura ao diálogo, bem como a capacidade de poder representar de modo igualitário as tradições e as culturas diversas nesta construção de identidades próprias de cada comunidade política. Como afirma Obregón Cabreira (2011, p. 217):

Esta promoção da pluralidade e do diálogo entre as tradições por parte do sistema democrático (republicano) implica dois aspectos que identificam a compreensão hermenêutica. Primeiro, implica reconhecer a própria situação hermenêutica e a própria língua como uma perspectiva a partir da qual é possível compreender ao outro. E segundo, implica fomentar o diálogo entre as tradições, o que supõe o reconhecimento do outro como o objetivo de chegar a um consenso em que o outro se sinta representado.

Assim, pode ser afirmado que neste sentido de escolha pela forma democrática como maneira de melhor se adequar a seu aspecto da *práxis* hermenêutica de ver a realidade da vivência humana, Gadamer não o escolhe meramente como sistema de governo político-governamental, ou mesmo como mera forma de organização da sociedade, mas principalmente com um novo enfoque no que se diz respeito à filosofia política, espaço este no qual há não apenas uma reflexão sobre a realização dos seres humanos, mas sua efetiva execução, constantemente. Esta ação aqui pode ser vista como uma característica que é imanentemente voltada à atividade política, uma vez posta em movimento enquanto algo novo pertencente à identidade do homem, já que é pelas atitudes que o ser humano acaba sendo visualizado em sua identidade no mundo, mostrando sua relação com os demais seres humanos nesta cons-

trução intersubjetiva no conhecimento e reconhecimento de si, do outro e do mundo. Já o diálogo enquanto este instrumento que se utiliza da palavra para propiciar a revelação da identidade humana.

Desta maneira, pode ser observado que a *práxis* e o diálogo interagem na hermenêutica gadameriana como forma específica direcionada sempre para uma vivência dos assuntos tomados como de todos, ou melhor, estão relacionados sempre para a efetivação de interesses que sejam vistos como imanentes ao âmbito da pertença voltada a todos os seres humanos, a vida comum atrelada, não se pode negar, a aspectos da própria tradição histórica. Com isso, para Gadamer, é de grande importância que se tenha na hermenêutica da *práxis* este “convite a reconhecer-se a si mesmo e a reconhecer uma vez mais todo o saber transmitido pela língua através da poesia, da filosofia, da história, da religião, do direito e dos costumes, tudo o que compõe a cultura” (GADAMER, 1990, p. 39-40).

Deste modo, Gadamer defende que é através das ações, aqui entendida como *práxis*, e do diálogo que se torna possível a construção de um mundo que seja realmente mantido em sua forma habitável, tendo em vista que pela *práxis* se tem o âmbito das tomadas de decisões, onde os seres humanos fazem suas escolhas, sendo que estas devem sempre ser norteadas a partir dos interesses da coletividade, da comunidade, da própria harmonia sobre a qual a vida social deve se pautar, no bem comum. Nas palavras de Gadamer, aos seres humanos compete a escolha, sendo que

[...] têm que escolher, e sabem – e sabem dizer – ao que se comprometem com a decisão: escolher o melhor e, como tal, o bem, a razão e a justiça. Um compromisso desmedido [...] e ao final, sobre-humano. O homem, entretanto, tem que aceitá-lo, por que deve decidir. [...] Tal é o abismo da liberdade. O ser humano pode perder-se quanto ao melhor [...] e acrescento todavia:

pode fazer o mal ao invés do bem, pode confundir o mal com o bem, o injusto com o justo, o crime com uma boa ação. (GADAMER, 1990, p. 123).

Como mencionado acima, Gadamer realça a noção da responsabilidade do ser humano enquanto ser que se diferencia dos animais no que se refere ao seu poder de decisão com base na razão. Assim, estas decisões por parte dos homens devem ser norteadas sempre pelo compromisso humano com o que há de melhor, o bem comum sendo regido por deliberações que visem o bem de todos. E neste sentido, pode ser afirmado que nesta construção da vida humana pela práxis, bem como de uma vida que tenha como base o bem comum, é que se dá a visão hermenêutica em sua preocupação com o bem-estar não apenas do ser humano, mas também com aquilo que constitui a sobrevivência humana no mundo, a natureza. Entretanto, deve ser observado também o risco que há no uso da liberdade pelo homem, já que ele pode optar por fazer o mal, e fazendo isso, torna-se bem mais perigoso que os animais que vivem meramente guiados por seus instintos de sobrevivência. Isso porque, como argumenta nosso hermenêuta:

É certo que o preço que nós seres humanos devemos pagar pela liberdade é elevado. A inocência dos animais diante da crueldade que extermina a natureza na vida e os seres vivos pode inspirar-nos temor por nossa condição humana e do que fazemos aos outros seres humanos e à natureza quando temos poder sobre eles. [...] Onde existem seres humanos há distância. Há tempo, sentido do tempo, abertura ao futuro, inclusive também a percepção do próprio fim. (GADAMER, 1990, p. 123).

Há, então, uma chamada de atenção por parte da hermenêutica filosófica de Gadamer no que se refere à noção de responsabilidade por parte dos indivíduos no uso da liberdade. Esta não deve ser utilizada meramente para satisfação de caprichos ou imediatismos inconsequentes diante do futuro da natureza, mas para até mesmo

notar aquele tão elevado valor, pelos quais poderá ser cobrada a humanidade em sua sobrevivência futura.

Daí a distinção, a partir da comparação, que Gadamer estabelece entre os seres humanos e os animais, dando a entender que o homem é portador de capacidades singulares frente aos animais, tendo valorações e sentidos nesta consciência de suas potencialidades diante dos outros, em um mundo que é por todos compartilhado.

Neste sentido, deve-se primar essencialmente por decisões que tenham como direção principal o bem comum, de modo que possa gerar bem-estar a todas as pessoas que estejam inseridas em sociedade ou comunidade. Na comunidade é que se dá a vida política de cada pessoa enquanto ser de relações pertencente a uma dada cultura, com valores cultivados dentro de uma tradição, bem como o efetivo diálogo e debate sobre diferentes conceitos relacionados ao que seja tomado como bem de interesse por parte dos cidadãos de determinada comunidade.

Existe, então, uma intrínseca relação entre hermenêutica e práxis, tendo em vista que ambas direcionam para o bem comum a partir da convivência humana no mundo. Assim, a concepção de política trabalhada pela hermenêutica tem em vista não simplesmente uma tentativa de representação mecânica de uma forma de organização social, mas principalmente a defesa da mesma como este espaço em que se realize enquanto forma de comunidade pela abertura ao diálogo e às ações. Como afirma Acosta (2006, p. 223), “a política, nestes termos, não é meio para conseguir o consenso ou a emancipação, senão que é um fim em si mesma”. E isso mais precisamente no que se refere ao fato de que, na hermenêutica gadameriana, tem-se este espaço de presença tanto da compreensão quanto do entendimento recíproco, ambos se voltando para a construção do que seja comum na vivência do reconhecimento de si, de

suas limitações, bem como desta abertura à escuta do outro, dando a este até mesmo razão no desenvolvimento do diálogo. Por estes motivos, menciona Obregón Cabrera:

[...] podemos afirmar que a hermenêutica gadameriana é filosofia prática, enquanto entende a política como fim. Pois a práxis hermenêutica está direcionada à saudável convivência entre os homens e, conseqüentemente, à realização da humanidade. (OBREGÓN CABRERA, 2011, p. 221).

Como observado, na reflexão hermenêutica de Gadamer, há uma real preocupação com o pensar a respeito de problemas atuais que assolam a humanidade em suas mais diversas circunstâncias. Para isso, como visto anteriormente, Gadamer tem como ponto primordial de sua elaboração filosófica fazer uma reabilitação da práxis de Aristóteles e conseqüentemente nela incluir a dimensão política, já que possui esta preocupação com o bem-estar social em vistas ao bem comum. Diante do mundo moderno, com seu contexto bastante direcionado, senão dominado pela ciência e técnica, Gadamer argumenta que este contexto não retira nem mesmo do cientista a responsabilidade sobre suas decisões, tendo em vista sua participação na sociedade como cidadão, pois na práxis hermenêutica

[...] também o investigador tem aqui no seu papel de cidadão ou cidadão do mundo, não só a independência orgulhosa, audaz e difícil que lhe converte em um investigador autêntico. Na prática tem que decidir e escolher como qualquer outro. (GADAMER, 1990, p. 34).

Aqui denota-se na hermenêutica da práxis de Gadamer a relevância desta reabilitação da práxis grega como este consolidado instrumento que deve ter como aspecto essencial a tomada de escolhas que direcionem de modo prioritário ao bem co-

num, ou seja, de modo a considerar principalmente os interesses que pertençam à concretização dos interesses voltados a todos os partícipes da comunidade. Nas palavras de Walhof:

[...] embora possamos ter uma noção geral daquilo que nos liga uns aos outros, uma consciência mais clara das maneiras específicas que estamos ligados uns aos outros surge apenas através da interação social e política para com eles. (WALHOF, 2017, p. 115).

A formação desta consciência de pertença a um determinado grupo ou mesmo a uma determinada identidade em comum com o outro só pode realmente se tornar consciente no indivíduo a partir de sua efetiva participação intersubjetiva na interação com os outros em âmbito social e político.

Considerando que a hermenêutica de Gadamer faz esta reabilitação da práxis entendendo-a como vivência de valores voltados às escolhas direcionadas para o bem comum das comunidades, bem como o uso da abertura ao outro pelo diálogo, fruto da língua de cada cultura, nota-se que é fortemente enfatizado por Gadamer a noção de pluralidade das temáticas ligadas ao seu desenvolvimento teórico, desde o conhecimento e reconhecimento de si mesmo no outro e no mundo às problemáticas que envolvem decisões que culminam com a preocupação com o meio ambiente. Esta é situada por Walhof no que concerne a tomadas de medidas urgentes quanto à conservação do meio natural em que vivemos:

[...] a preocupação com os problemas ecológicos presentes e previstos exige o fato de que nós compartilhamos uma vida juntos, como moradores de uma cidade, região, nação e mundo, e que estamos ligados uns aos outros em aspectos cruciais, mesmo se estamos divididos e segmentados em outros. (WALHOF, 2017, p. 119).

Isto leva a entender que a hermenêutica se torna realmente uma visão cosmopolítica, na qual se inserem possibilidades de, através da solidariedade compartilhada, chegar a uma forma alternativa aos diversos impasses sociais. Como afirma Gadamer:

[...] a participação no comum, que é nosso destino humano, será sempre nossa tarefa e hoje significa que nos lembremos, e recordemos aos demais, em especial aos que pensam e decidem de outro modo, que as solidariedades são inevitáveis aos deveres que o futuro da humanidade devem significar para nós. (GADAMER, 1990, p. 125).

Neste sentido, fazendo ponte com o tópico posterior, veremos a necessidade da solidariedade tomada como ponto de real significância aos aspectos culturais e históricos relacionados precisamente aos valores da comunidade. Esta que, na *práxis* hermenêutica, torna-se essência para a tomada de consciência por todos para a efetivação do que também pode ser entendido como engajamento em âmbito comunitário por parte das ações intersubjetivas.

Considerações Finais

A partir da hermenêutica filosófica de Gadamer, é possível notar a solidariedade compartilhada como elemento que visa uma correta vivência da *práxis* da vida em comum tendo como objetivo o bem comunitário a partir da *phrónesis*. Quanto a esta, sua prática na vida comum deve sempre ser pautada em junção com a aplicação do saber, uma vez que não sendo levadas em consideração as questões ligadas a decisões sobre os extremos, como por exemplo, o bem e o mal, a mesma acaba desembo-

cando numa verdadeira ausência de harmonia com a vivência da práxis analógica aos conceitos gadamerianos de solidariedade e amizade.

Gadamer sugere a noção de amizade como forma de articular a resolução de conflitos que possam existir entre visões diferentes sobre como conduzir as resoluções de problemas pertinentes ao bem-estar das pessoas nas sociedades democráticas. Ao mesmo tempo, cabe perceber aquilo que nos liga e que nos seja comum, a saber, a solidariedade compartilhada. Desta maneira, é possível proporcionar o reconhecimento do outro e, assim, pode-se legitimar determinadas características da identidade, seja pessoal, cultural ou mesmo em nível de nacionalidade. É preciso ir além das afinidades entre pontos comuns, como é observado nas amizades e entre países que têm algo a compartilhar por seus interesses particulares, de modo a buscar cada vez mais a vivência de políticas amistosas diante dos conflitos que surjam com o outro e, assim, poder se portar de modo a revelar a prática da reciprocidade.

Na dimensão política da hermenêutica de Gadamer, existe uma especial preocupação com o fortalecimento de uma consciência cultivada de reciprocidade para com o outro, tendo como consequência desta o entendimento e uma visão sobre o que é comum, prestando atenção ao que o outro tem a dizer. Deste modo, chama-se a atenção para a promoção de abertura à divulgação da verdade, à compreensão do outro pelo aspecto dialógico. Este é entendido como aquele que propicia a constante relação com o outro no que concerne à mediação da construção de um saber, de modo que fora dessa relação seria impossibilitada a sua concretude.

É nesta abertura ao outro que se constrói realmente esta dimensão que direciona ao entendimento prático do outro, uma vez que visa especificamente lidar com a dimensão da compreensão de si mesmo, não apenas através das afinidades, mas também pelo conflito entre o eu e o tu, nesta busca de uma relação com o outro que pode

me conduzir ao entendimento de mim mesmo, bem como ao reconhecimento destas diferenças, uma vez que entender-se no mundo pode ser tomado como entender-se com os outros.

Estes entendimentos se dão em nível individual, mas também podem ser entendidos até mesmo ao nível sociocultural, direcionando à defesa de uma possível consciência de cidadania aberta à alteridade. Neste sentido, a perspectiva da hermenêutica gadameriana conduz a uma constante vivência da abertura ao diálogo com o outro, nesta prática intersubjetiva que se dá levando em conta os aspectos históricos e sociais aos quais somos pertencentes.

A partir desta análise, pode ser observado que a proposta de Gadamer é a de que, através da vivência da solidariedade humana, enquanto elemento comum, existe a possibilidade de que se tenha a retomada da amizade tal como nos moldes gregos, com esta assimilada à prática das decisões tomadas de modo comunitário, ou seja, em conjunto, nas esferas da vida social, ética e política nas sociedades entendidas como democráticas.

Esta Solidariedade mencionada na hermenêutica gadameriana pode ser entendida na perspectiva de uma possibilidade do surgimento de decisões que sejam tomadas em comum acordo com todos, de modo que acabam sendo validadas pela comunidade em todos os campos da vida dos cidadãos, seja na vida moral, política ou social. Entretanto, nas sociedades com características burocráticas e tecnológicas, bem como dominada pelo anonimato, Gadamer chama atenção para que seja resgatada urgentemente, como tarefa política atual, a questão do desenvolvimento das relações de proximidade entre os cidadãos por meio da experiência dialógica, “onde a língua não é só a casa do ser, senão também a casa do ser humano, na qual [se] vive, se instala, se encontra consigo mesmo, se encontra no Outro” (GADAMER, 1990, p.

156). Neste envolvimento, as mais diversas atividades possibilitam este encontro sem intermediações com os outros e o mundo.

Podemos ver ao longo deste artigo que, para Gadamer, a solidariedade, em sua dependência das interações sociais e políticas, desenvolve uma essencial função enquanto meio de copercepção recíproca, onde assim como na amizade, faz com que nas interações mostre o quanto temos nossas vidas interligadas através do dar-se a conhecer uns aos outros de modo mútuo, revelando muitas vezes a nós mesmos de maneiras anteriormente não reconhecidas. Deste modo, as solidariedades que surgem serão sempre particulares, pois dependerão sempre do contexto histórico e social em que estejam inseridas.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Maria del Rosario. El diálogo que somos: la comprensión como espacio para la política. *Araté Revista de Filosofía*, Vol. XVIII, Nº 2, 2006, pp. 205-228. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/arete/article/view/365/352?gathStatIcon=true>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BATISTA, G. S. *Hermenêutica e Práxis em Gadamer*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

GADAMER, Hans-Georg. O que é práxis? As condições da razão social. In: *A Razão na Época da Ciência*. Trad. de Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, pp. 41-56.

GADAMER, Hans-Georg. La diversidad de Europa. In: GADAMER, Hans-Georg. *La Herencia de Europa*. Barcelona: Ediciones Península, 1990, pp. 19-40.

GADAMER, Hans-Georg. Las bases antropológicas de la libertad del ser humano. *In:* GADAMER, Hans-Georg. *La Herencia de Europa*. Barcelona: Ediciones Península, 1990, pp. 117-126.

GADAMER, Hans-Georg. La misión de la filosofía. *In:* GADAMER, Hans-Georg. *La Herencia de Europa*. Barcelona: Ediciones Península, 1990, pp. 151-156.

GADAMER, Hans-Georg. *Griechische Philosophie III: Plato in Dialog*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1991.

GADAMER, Hans-Georg. Isolamento como sintoma de auto alienação. *In:* GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Tradução de: Lob der Theorie. Lisboa: edições 70, 2001, pp. 97-108.

GADAMER, Hans-Georg. O homem e a sua mão no processo civilizacional. *In:* GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Tradução de Lob der Theorie. Lisboa: edições 70, 2001, pp. 109-116.

GADAMER, Hans-Georg. A incapacidade para o diálogo (1972). *In:* GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 242-252.

GADAMER, Hans-Georg. Sobre el oír. *In:* GADAMER, Hans-Georg. *Acotaciones Hermenéuticas*, Madrid, Trotta, 2002, pp. 67-75.

HAHN, Lewis Edwin (Ed.). *The Philosophy of Hans-Georg Gadamer*. Chicago, La Salle, Illinois: Open Court, 1997.

HAMMES, Itamar Luís. *Da voz do outro ao encontro de mundos: Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012. Tese (Doutorado em Filosofia).

LEÓN, Lourdes Otero. Ciudadanos de dos mundos: Lo mejor de la herencia europea, según H. G. Gadamer. *A Parte Rei, Revista de Filosofía*, Nº 57, mayo 2008. Disponível em: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/otero57.pdf>. Acesso em: 20.07.2017.

OBREGÓN CABRERA, José L. *La hermenêutica como filosofia práctica: consecuencias éticas e políticas de la filosofía de Hans-Georg Gadamer*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Peru, 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

PARRA AYALA, Andrés Felipe. El disenso hermenêutico: Una interpretación política de la fusión de horizontes em H.G. Gadamer. *Ideas y valores: Revista Colombiana de Filosofía*, Issue 155, pp. 59-84, 2014.

ROHDEN, L.; KUSSLER, L. M. Filosofar enquanto cuidado de si mesmo: um exercício espiritual ético-político. *Trasn/Form/Ação*, Marília, v. 40, pp. 93-112, 2017.

WALHOF, Darren R. Friendship, Otherness and Gadamer's Politics of Solidarity. *Political Theory*, vol. 34, 5: pp. 569-593. First Published: Oct 1, 2006. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/action/doSearch?AllField=Friendship%2C+Otherness%2C+and+Gadamer%E2%80%99s+Politics+of+Solidarity>. Acesso em: 17 nov. 2017.

WALHOF, Darren R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*. Grand Rapids: Palgrave Macmillan, 2017.

WARNKE, Georgia. Hermeneutics, ethics, and politics. In: DOSTAL, Robert J. *The Cambridge Companion to Gadamer*. Pensilvânia: Cambridge University Press, 2002, pp. 79-125.